

FUTEBOL, PAIXÃO E RENÚNCIA: A BIOGRAFIA DE LUIZ PARISE DEMARCANDO UM SUJEITO E UMA ÉPOCA NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Football, passion and sacrifice: the biography of Luiz Parise, marking an individual and an era in the interior of Rio Grande do Sul

Paulo Ricardo do Canto Capela¹

Julio Cesar Couto de Souza de Souza²

Fabio Machado Pinto³

Resumo

Esta pesquisa situa-se no campo dos estudos (auto)biográficos, técnica de pesquisa de abordagem qualitativa, consolidada na Sociologia da Educação. Trata-se da biografia de Luiz Parise Fedozzi, que atuou como jogador de futebol, preparador físico e gestor executivo, tanto em clubes de futebol, como em outras esferas do esporte. O trabalho estabelece um diálogo sociológico entre um sujeito e uma época no interior do Rio Grande do Sul. Para a compreensão desse sujeito, entendendo suas decisões e escolhas em determinada situação e contexto, utilizaram-se os conceitos sartrianos de Projeto e Desejo-de-ser. Quanto ao futebol, tema amplo que atravessou o trabalho, buscamos refleti-lo à luz da sociologia, mais precisamente da sociologia do esporte. Sendo uma pesquisa biográfica, utilizamos os elementos de sua condução pautados no método biográfico progressivo-regressivo. Para o desenvolvimento do presente trabalho, utilizou-se o cruzamento entre fontes orais, documentos pessoais, fotos e fontes jornalísticas. Diante do material analisado, que nos possibilitou tecer a teia existencial de nosso biografado, e dos resultados por eles fornecidos, foi possível evidenciar a intensa presença de Luiz Parise no futebol no interior do Rio Grande do Sul, caracterizando, com sua *práxis*, por vezes intempestiva, por vezes não, uma época circunstancial do futebol.

Palavras-chave: Biografia; Futebol; Projeto; Método progressivo-regressivo.

Abstract

This research is situated within the field of (auto)biographical studies, a qualitative research technique consolidated in the Sociology of Education. It is a biography of Luiz Parise Fedozzi, who worked as a football player, physical trainer, and executive manager, both in football clubs and in other areas of sport. The work establishes a sociological dialogue between a subject and an era in the interior of Rio Grande do Sul. To understand this subject, including his decisions and choices in a given situation and context,

¹ Universidade Federal de Pelotas. Orcid: 0009-0008-2578-0513. E-mail: pcapela@ufsc.br.

² IFSC/Florianópolis e Universidade Avantis. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2484-5633>. E-mail: juliocoutodoutorado@gmail.com.

³ Universidade Federal de Pelotas. Orcid: 0000-0002-9480-4493. E-mail: fabiobage@gmail.com.

we used Sartre's concepts of Project and Desire-to-Be. Regarding football, a broad theme that permeated the work, we sought to reflect on it in the light of sociology, more precisely the sociology of sport. Being a biographical research, we used elements of its conduct based on the Progressive-Regressive biographical method. For the development of this work, we used a cross-referencing of oral sources, personal documents, photos, and journalistic sources. Based on the analyzed material that allowed us to weave the existential web of our subject, and the results it provided, we were able to highlight Luiz Parise's intense presence in football in the interior of Rio Grande do Sul, characterizing, with his sometimes impetuous, sometimes not, practice, a specific period in football history.

Keywords: Biography; Football; Project; Progressive-regressive method.

Introdução

Luiz Parise⁴, como era conhecido no cenário esportivo do Rio Grande do Sul, viveu o futebol gaúcho entre as décadas de 1970 a 2010, totalizando quarenta anos de atuação. Sua expressão mais importante ocorreu a partir da década de 1970, momento em que atuou no futebol profissional como jogador e preparador físico, transitando por diversos clubes tradicionais do interior do Rio Grande do Sul. Como atleta, foi convocado para a Seleção Gaúcha em 1976, e como preparador físico chegou ao time da capital gaúcha, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, em 1991.

Alternou suas atividades entre jogador profissional, preparador físico, treinador e gestor executivo. Couberam, ainda, entre essas atividades profissionais, a de coordenador do Projeto Esportivo UCS-Olimpíadas, na modalidade de futebol, comentarista esportivo da Radio Caxias em Caxias do Sul, assessor esportivo na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Secretário Municipal de Turismo, Esporte e Lazer (SMTEL), na cidade de Rio Grande, na gestão do Partido dos Trabalhadores.

Embora tenha desenvolvido outras atividades, vai ser no futebol que marcará não somente sua carreira profissional, mas também sua existência enquanto Projeto⁵ (Sartre, 1972). O Rio Grande do Sul é o seu campo principal de atuação e reconhecimento. Neste estado construirá seu nome, marcará uma identidade em que seu nome terá peso e relevância, a ponto de transitar,

⁴ A partir de então, iremos nos referir por nomes como Luizinho, Luiz Parise, ou Parise. O nome Luizinho se apresentará mais na sua infância e como jogador de futebol. Parise ou Luiz Parise será utilizado já na sua fase como Preparador Físico ou Gestor, conforme os jornais da época se referiam.

⁵ Quando estivermos nos referindo a projeto como um conceito sartreano, usaremos o mesmo com a primeira letra maiúscula, como "Projeto".

enquanto atleta profissional, preparador físico e gestor, pelos principais times gaúchos.

Parise era formado em Educação Física. Conseguiu, entre a carreira de jogador de futebol, e a constante rotina de transferências entre clubes, formar-se em 1983, na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – Ufpel.

Foi um jogador de futebol de estatura mediana, mas estrutura muscular forte, condições importantes para ser um bom jogador de futebol. Veloz, foi considerado mais tarde, pelos jornais locais, como um excelente atacante. Sua posição era a do antigo ponteiro direito.

Desde sua infância, conviveu com as mazelas de uma vida pouco confortável e com as obrigações próprias de um mundo adulto impostas ao seu mundo infantil. Sua relação com o pai, a moradia com seu avô, o trabalho precoce, a infância interrompida perfazem sua existência. Entretanto, sempre foi um sujeito atento à sua época. Politizado, costumava ler muitos livros, inclusive os esportivos. Mantinha-se informado diariamente pelas leituras dos jornais locais e pelos tradicionais programas de rádios. Assistia tudo que fosse possível de jogos de futebol televisionados. Isso tudo lhe rendeu, mais adiante, um convite para compor o quadro de comentaristas de uma das principais rádios da cidade de Caxias do Sul.

O Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1970 e 1990, com todas as suas tradições culturais, aspectos socioeconômicos e, tradição esportiva, foi o campo antropológico que constituiu o jogador Luizinho e o preparador físico Luiz Parise. Esse último, particularmente, vai absorver e reproduzir as características de uma escola à parte de preparação física no Brasil e mais tarde demarcará com suas próprias cores e singularidade uma época desta preparação no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Esta pesquisa buscou recuperar e sistematizar sua história através da pesquisa (auto)biográfica e do método progressivo-regressivo. Trata-se de, a partir da existência de um sujeito, traçar relações que possam ser examinadas à luz de conceitos debatidos na Sociologia do Esporte e, também, no campo da Sociologia da Educação, tendo em vista tratar-se de um sujeito que atuou

como um educador no seu sentido mais amplo, num campo em que o processo educacional, mesmo que de maneira informal, estava presente.

2. Sobre o método

A condução deste trabalho orientou-se pelo método biográfico progressivo-regressivo. Trata-se de um método dialético que Sartre (1972) utilizara em suas principais biografias, as quais buscam a compreensão da vida dos sujeitos biografados.

Um primeiro e importante passo, evidenciado nas biografias sartrianas, é situar o sujeito no mundo, visto que é preciso entendê-lo em sua práxis e sua relação com o mundo. Nisso está presente uma primeira aproximação com o movimento regressivo analítico (Cunha, 2019). Para Sartre, “os factos particulares nada significam, não são nem verdadeiros nem falsos, visto que não são restituídos através das diferentes totalidades parciais à totalização em curso” (Sartre, 1961 *apud* Cunha, 2019, p. 30).

Para tanto é preciso recolocar o biografado no tempo histórico. “Recolocar” (olhar para o passado a partir do presente), porque não estamos mais no mesmo tempo histórico, na mesma temporalidade, há um cenário que se fez, mas também se desfez, e precisamos restituí-lo. Para Dosse (2015, p. 67), a unidade estrutural da vida de um biografado “enfrenta a pluralidade de olhares e apreciações das testemunhas de sua existência e do que sucedeu depois de sua morte”.

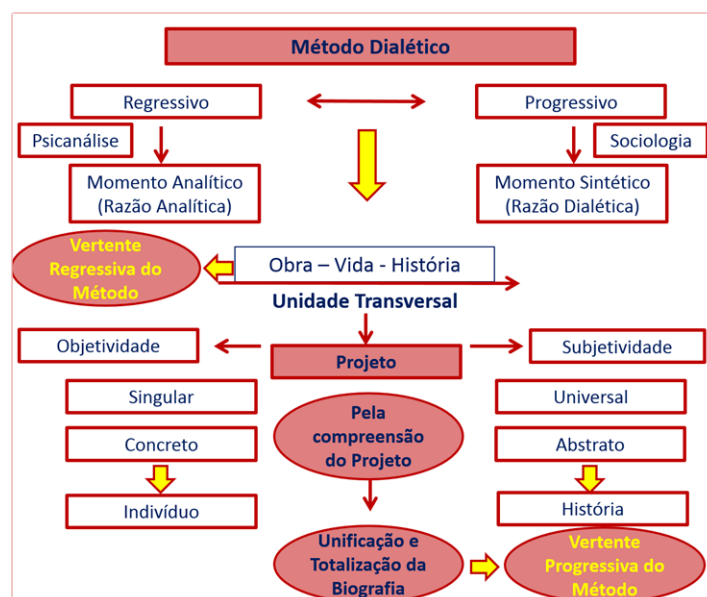
Urge necessariamente uma exigência fundamental. E a exigência fundamental “que se deve ter em relação a um método capaz de uma compreensão total da realidade humana é, precisamente, a de situar o seu objeto de estudo (isto é, o indivíduo concreto) relativamente ao processo histórico total” (Cunha, 2019, p. 26). O método é um movimento constante de ir e vir do indivíduo concreto às estruturas e vice-versa, e o existencialismo, para Sartre, é um método de compreensão da realidade humana.

O indivíduo concreto é aquele presente no mundo, na história, não apenas como um mero coadjuvante, mas como partícipe principal dela mesma. E aqui está uma das críticas de Sartre endereçadas ao marxismo, que, segundo ele, dissolve o sujeito no abstrato: a universalidade sem o

indivíduo concreto é pura abstração. Para Cunha (2019), Sartre pretende, então, racionalizar a história ao nível do concreto. O homem concreto em situação é, para o existencialismo sartriano, o verdadeiro campo da história. É aqui que a compreensão é possível. “Será preciso, pois, utilizar o método simultaneamente regressivo e progressivo, isto é, que proceda por um contínuo vaivém entre o abstrato e o concreto, entre o universal e o singular” (Cunha, 2019, p. 34). Este método é dialético e, conforme Ferrarotti (2013), somente a razão dialética permite a compreensão de um ato na sua totalidade, ou seja, compreender um comportamento específico como a síntese de uma sociedade.

Analizamos nosso biografado partindo de três cenários: a Obra, a Vida e a História de Luiz Parise. O primeiro movimento do método é regressivo, dirigindo-se à singularidade na tentativa de apreender o vivido, sendo a obra tudo aquilo que o sujeito fez. Posteriormente, é necessário considerar os fatos relativos à vida, na medida em que a primeira reflete a segunda, para, em seguida, buscar-se estudar as estruturas sociais e o tempo histórico, pois é no próprio decurso da vida singular que se descobre o geral. Por fim, há necessidade, nessa fase da análise, de construir uma unidade transversal, pois há uma certa heterogeneidade entre os três cenários de análise, os quais precisam ser unificados. Aqui entra a noção de Projeto, pois “é ela que permitirá a unificação/totalização da biografia” (Cunha, 2019, p. 36). A partir daí, entramos na vertente progressiva do método. É o momento da síntese.

FIGURA 1 – MÉTODO DIALÉTICO⁶



Fonte: Elaboração própria (2026).

3. A vida – a obra – a história

3.1. Entre o Projeto e Desejo-de-ser e o campo de possibilidades: a infância em Caxias do Sul e a ascensão ao futebol

A cidade de Caxias do Sul, o Bairro Exposição, a casa de dois andares, a avó Ida Martini Parise, a mãe Claire, o tio Clovis, o tio Jamir, a tia Aide, a tia Nivar, a tia Merci – o avô Euclides Parise já havia falecido –, o amigo Paulo Borges, os colegas do time, o segurança do parque. E o banquinho de concreto – inerte em si, ao largo da rua –, porque as coisas, os objetos são em-si, precisando apenas de uma consciência que os revele e de uma linguagem que lhes dê sentido – compunham o terreno sociológico em que Luiz Parise se reconhece como sujeito/mundo.

Luiz Parise nasce em 29 de janeiro de 1949, registrado na cidade de Paim Filho, mas tem uma vivência maior e mais intensa na cidade de Caxias do Sul. A família veio para uma casa muito próxima à prefeitura de Caxias do Sul, num bairro chamado Exposição, nome pertinente à tradicional festa da uva. A casa pertencia ao avô, chamado Euclides Parise.

O bairro Exposição era um bairro considerado acolhedor. A casa se situava quase em frente aos antigos pavilhões da festa da uva, cujo espaço

⁶ Desenvolvido pelo autor, a partir da síntese de leituras sobre o método progressivo – regressivo, particularmente expresso no capítulo “Questões de método” em Cunha (2019).

atualmente tornou-se obsoleto para a festa, sendo apenas um espaço público pertencente à prefeitura de Caxias do Sul, mas que mantém, ainda, suas quadras de futsal e área de lazer. A movimentação maior deste bairro acontecia quando da exposição da principal festa da cidade de Caxias do Sul, a Festa da Uva. O sobrado da família Fedozzi, construído por seu avô, Euclides Parise, situava-se à rua Dom José Baréa, 2356.

É nessa casa que Luiz Parise chega para morar com sua mãe e seu tio, que iniciam suas primeiras experiências singulares num contexto universal. Na sua infância, ‘Luizinho’ vai tensionar constantemente entre aquilo que o campo lhe possibilita e aquilo que o condiciona, e a assunção de ser um sujeito ontologicamente livre. Uma das problemáticas que estará sempre posta se dá na relação entre infância e trabalho. A corda estará sempre esticada.

O cenário sociopolítico-econômico do Brasil e do Rio Grande do Sul no início da década de 1960, década em que a família Parise se desloca para Caxias do Sul, exige atenção. O presidente Jânio Quadros renunciava e seu vice João Goulart foi praticamente impedido pelos militares, na espreita de um golpe, de assumir o comando do país. Esse fato, tão conhecido na história política brasileira e gaúcha, levou a um levante do Estado, a fim de garantir a legalidade constitucional, liderado pelo então governador gaúcho, Leonel Brizola. O Brasil, nessa década, respirava os ventos que vinham também de parte da Europa naquele momento, entre eles, os movimentos culturais e político-ideológicos. O campo cultural também estava em plena ebulição. Enfim, um contexto de mudanças, o qual também integra a família Parise.

A família necessitava trabalhar – aquela mudança para a cidade de Caxias do Sul não era uma mudança qualquer, era uma necessidade pautada por toda uma situação de desestruturação familiar e pela escassez econômica. É então, nesse momento, que o jovem Luizinho precisa fazer escolhas. Precisa trabalhar e, assim como aconteceria em vários outros momentos, renunciar àquilo que seria elementar para uma criança de 12 anos: brincar. Não seria essa a primeira vez! O menino Luizinho constrói uma caixa de engraxar sapatos e vai trabalhar no centro da cidade para angariar recursos financeiros e contribuir nas despesas da casa. O jovem Luisinho já teria em momentos anteriores, entre 8 e 9 anos de idade, trabalhado na churrascaria do então

marido de sua tia Nivar, irmã de sua mãe. Isso aconteceu ainda na cidade de Lagoa Vermelha, cidade onde a família morou antes de chegarem a Caxias do Sul e depois de terem saído de Sananduva. Era uma churrascaria em frente à rodoviária da cidade, e a função do jovem Luiz era arrecadar possíveis clientes para o almoço antes que a churrascaria concorrente o fizesse. Luizinho chamava os clientes que ali desembarcavam para almoçarem na churrascaria do tio emprestado. A função de engraxate, vem depois, em Caxias do Sul, e soma-se àquela de vendedor de garrafas, à de pedreiro com seu avô, à de atendente na lanchonete do pai em Porto Alegre. Mais tarde, à de funcionário da empresa Kalil Sehbe S/A, e, posteriormente, ao primeiro contrato profissional de futebol em cinco de maio de 1967. É nessa teia que transita entre o singular e o universal, que, permeada por uma ação entre sujeito e mundo, sua existência vai se delineando. O mundo do trabalho é precoce em sua vida e importante categoria de análise. É nesse contexto que vai se desenhando seu Projeto Fundamental, entendendo que ele “é escolhido livremente, embora essa escolha sempre esteja situada, ou seja, é sempre uma combinação do que o mundo traz e do que eu faço daquilo que o mundo traz” (Cannon, 2020, p. 116).

O seu Projeto se construía tendo o futebol como desejo – e aqui lembramos Sartre (1972) quando escreve que o Homem pode superar-se em cada situação e superá-la ao mesmo tempo. Esta superação é encontrada “na raiz do humano e de início na carência” (Sartre, 1972, p. 78). E Luizinho parecia estar disposto a fazer algo mais, a ir além, buscar dentro da liberdade que lhe é possível o projeto que talvez tenha sido o seu maior objetivo até então: jogar futebol.

Existia para Luizinho algo sempre a ser conquistado, projetado à sua frente, que necessitava de todo o seu empenho para ser mobilizado. Isso aconteceu em diversas situações de sua vida profissional, porém, em sua juventude, nos campos de jogos, surgia mais fortemente. Suas arrancadas potentes em campo, que deixavam seus marcadores para trás, seu chute forte contra os goleiros, suas divididas na bola, suas reclamações veementes contra a arbitragem são as melhores expressões disso tudo.

Essa potência, essa energia, essa quase raiva contida, como um adolescente em crise consigo mesmo e com o mundo, devido à negação da própria adolescência, – que o fazia disparar de seus marcadores e chutar a bola com força –, talvez fosse a sua própria existência totalizada e, ao mesmo tempo, sua melhor forma de protesto a tudo que o campo de possibilidades até então lhe negara. Luiz necessitou, em sua juventude, arrancar, correr, driblar, dividir e chutar com força. Sua existência era um jogo de futebol mesmo fora dos campos. Esse é o Projeto e a sua liberdade! Os campos de futebol talvez tenham sido o cenário possível de “reconstrução” do jovem Luizinho, até então invisível socialmente como engraxate, vendedor de garrafas, ajudante de pedreiro e trabalhador da empresa Khalil Sehbe S/A. As fontes orais consultadas nesta pesquisa afirmam que é justamente um de seus empregadores que reconhece em Luizinho seu potencial para o futebol, assim como seu desejo de profissionalizar-se. É, então, por uma dessas pessoas, encaminhado ao clube caxiense Grêmio Esportivo Flamengo para fazer um teste no futebol.

3. 2. A ascensão ao futebol

Em 29 de março de 1967, está registrado em sua carteira de trabalho assinada pela empresa Tec. e Art. Kalil Sehbe S/A que o funcionário Luiz Parise Fedozzi opta pelo regime de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, pedindo, com isso, sua demissão. Já no dia dois de maio de 1967 Luiz Parise tem sua carteira assinada pelo clube de Caxias do Sul, tendo como natureza do cargo jogador de futebol.

Luizinho foi um jogador atacante que iniciou como um antigo centroavante no futebol, mas se destacou mesmo como ponteiro direito. Era considerado um jogador de pequeno porte físico, baixo, com 1,59⁷ mas forte, hábil, e veloz, conforme jornais da época. Além disso, cumpria as funções básicas para um jogador dessa posição naqueles idos do futebol de 1960 e 1970, ou seja, chegar à linha de fundo e cruzar. E Luizinho fazia isso muito bem! Indo além, ainda entrava em diagonal, nas situações de ataque pelo outro lado de sua posição, e recompunha a defesa fechando por dentro na

⁷ Conforme Certificado de Reservista do Exército.

perda da posse de bola.⁸ Era tudo que um treinador precisava. Esses atributos lhe renderam muitos gols, várias equipes e a Seleção do Interior Gaúcho, além de inúmeras matérias e fotos diárias nos principais jornais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O jogador Luizinho, além de seus atributos físicos e técnicos, também era considerado um jogador politicamente engajado. Tentava ampliar para os campos de futebol uma reflexão sobre o contexto social e político pelo qual o país estava imerso naquelas décadas. Pronunciava-se, sempre que possível, sobre as condições trabalhistas que envolviam os jogadores em sua época. Representava a voz do Sindicato dos Atletas junto aos colegas jogadores e enfatizava nas suas sindicalizações. Insistia, em cada contrato, que a carteira deles fosse sempre assinada. Luizinho vivenciou um momento do futebol em que vigorava a Lei do Passe, cujo processo jurídico deixava os jogadores reféns dos dirigentes de clubes. Isso o afetou algumas vezes; uma delas na relação entre o S.E.R. Caxias e o clube Ypiranga de Erechim, dono de seu passe. Diante de cenários como esse, Luizinho se pronunciava:

É uma dificuldade para cobrar as mensalidades para o sindicato. É uma falta de consciência de classe. O jogador não está acostumado com estas coisas. Vai demorar muito até ele botar na cabeça que tem que participar do sindicato, que só através dele vamos conseguir alguma coisa. Esta desunião da classe existe em grande parte devido à competição. [...] Há mais tristeza no futebol que alegrias. Estas são muito poucas, muito poucas mesmo...⁹

O envolvimento em questões políticas parece ser algo presente não somente na sua juventude, mas ao longo de sua vida. Luizinho era sindicalizado, posteriormente foi filiado ao Partido dos Trabalhadores e, muito tempo depois, assumiu cargo de Secretário de Esportes na gestão do mesmo partido. Em sua carreira esportiva, Luizinho, tanto como atleta quanto como preparador físico, ou ainda como gestor, teve sua Carteira de Trabalho sempre assinada, demonstrando não somente uma compreensão da rápida carreira de jogador de futebol e da necessidade das garantias futuras, mas também

⁸ Basta ler as descrições de seus gols em jornais da época.

⁹ Entrevista concedida para uma série jornalística cujo tema era: “O jogador como assalariado”. Não existe no material, a fonte jornalística, nem a data.

um comprometimento para que a legislação trabalhista fosse sempre cumprida pelos empregadores.

Se Luizinho, no auge da sua carreira futebolística era bom de reinvidicações, de falas e posicionamentos, era também considerado pela imprensa esportiva um bom jogador de futebol. Sua carreira futebolística se inicia profissionalmente em 1º de maio de 1967, já com 18 anos, no Grêmio Esportivo Flamengo de Caxias do Sul, clube pequeno que teve sua maior conquista na década de 60, quando foi campeão do interior.¹⁰

O jogador Luizinho, em sua carreira como jogador, percorreu diversos clubes de futebol no interior do Rio Grande do Sul, assim como em Santa Catarina. Entretanto, no ano de 1978, como jogador do Grêmio Esportivo Brasil da cidade de Pelotas, Luizinho traçava caminhos paralelos ao de jogador de futebol no clube. Enquanto a situação da compra de seu passe não se resolvia, auxiliava o treinador Osvaldo na preparação física da equipe ao final do ano de 1978. “[...] Luisinho, que não teve um bom ano no Brasil, enfrentando lesões, ao final de 78, assumiu a direção da parte física, assessorando o então treinador Osvaldo Barbosa”.¹¹

A década de 80 é a década de despedida do atacante Luizinho do futebol. Seu último jogo foi em um clássico Bra-Pel,¹² cujo resultado foi a vitória da equipe do Pelotas por 2 x 0. O jogo aconteceu em 19 de novembro de 1980. No início do ano seguinte, em dois de fevereiro de 1981, o Grêmio Esportivo Brasil assina a carteira do agora “professor” Luiz Parise. O técnico Galego foi um dos treinadores que passaram pela equipe do Brasil no ano de 1981. No decorrer da competição, ele pede demissão, e a direção do Brasil pensa em dar ao professor Luiz Parise o cargo de treinador. Luiz nega, pois seu projeto estava na preparação física: “eu nunca quis ser técnico e nunca cheguei a pensar nessa possibilidade. Sou um apaixonado pela educação física e gosto da minha função de preparador físico, sendo que nela pretendo permanecer.”¹³

¹⁰ <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/flamengo-de-caxias-451>

¹¹ Matéria: “Gaúcho/PF quer comprar Luizinho” (sem fonte).

¹² Clássico Brasil X Pelotas

¹³ Matéria: “Brasil procura treinador” (sem fonte).

3.3 O início de uma nova carreira: o preparador físico

O ano de 1981 abre algumas possibilidades para o ex-atleta Luizinho: por um lado, a nova experiência de não somente colaborar com o clube xavante na preparação física, mas, de ser um profissional contratado e remunerado para exercer a função. De outra feita, o preparador Luiz Parise ingressa na Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (Esef/Ufpel). Luiz Parise já teria começado o curso de Educação Física na Universidade de Caxias do Sul (UCS), sendo a Universidade Federal de Pelotas, uma vaga de transferência. Luiz Parise era, ao mesmo tempo, um acadêmico e um profissional da preparação física nos campos de futebol.

Na vida de Luiz Parise, foi possível perceber que os desafios são constantes; esse não seria o primeiro diante de muitos já assumidos, e certamente não seria o último. Sua experiência dentro do campo, ao lidar com os companheiros de equipe, agora como “seus” atletas e comandados, talvez lhe tenha sido favorável em inúmeros aspectos. Parise sabia transitar muito bem nesse terreno. Reunia em si alguns elementos próprios de personalidade que, naquele momento, seriam necessários para a função que começava a exercer. Tinha a marca do temperamento forte, impositivo e mandão, talvez trazido de sua família italiana. Embora sempre fosse um sujeito divertido e alegre, nos treinamentos não esboçava qualquer possibilidade de sorriso, mantinha a cara fechada e séria. Minucioso nos planejamentos dos treinos, assim como outrora na formação de seus alunos na UCS, cientificista fervoroso, fala alta, gestos extremos, e, ainda, para aqueles que estavam iniciando, era uma referência expressiva por todo seu futebol apresentado nos gramados. Não se tem todos os dias no vestiário um preparador físico goleador de uma equipe representativa no cenário futebolístico do Rio Grande do Sul como Luizinho foi na Associação Caxias, nem um jogador revelação de um campeonato estadual como, também, fora em 1975.

Luiz Parise reproduzia uma certa tradição daquilo que se reconhecia como futebol gaúcho. Damo (1999), busca refletir sobre o significado desta tradição. Para isto, é necessário compreender o processo de disseminação do futebol no Rio Grande do Sul que, na sua totalidade, é uma mistura de um futebol com resquícios de colonização europeia, principalmente alemã e

italiana, e da veia platina com a qual o Rio Grande do Sul estabelece estreitas fronteiras. Ao menos isso é o que sistematicamente os meios de comunicação, principalmente em território gaúcho, também afirmam. Em seu trabalho, Damo (1999) destaca as narrativas dos principais jornais do Rio Grande, principalmente nos jogos do time do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. Para Damo, “[e]m termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte dos futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos –, de um discurso preestabelecido de culto às tradições” (1999, p. 95).

Também no trabalho de Bandeira e Franzoni (2017) é possível verificar a busca identitária nas narrações e mídias esportivas, quando este se volta a analisar as narrações esportivas pela mídia gaúcha nos quatro títulos de Libertadores da América dos times de Porto Alegre. *Sangue, suor, garra, força, valentia* são alguns dos atributos exigidos para esse futebol, os quais também são encontrados nas narrações esportivas e nos comentários.

Se a localização geográfica influenciou um estilo de jogo “gaúcho”, é preciso compreender também o clima que se estabelece no Rio Grande do Sul, principalmente nos meses de inverno. Essa época do ano, no Rio Grande do Sul, é cenário de um clima extremamente rigoroso e chuvoso, acompanhado, por vezes, do famoso vento minuano que se origina no deserto da Patagônia, na Argentina, e chega ao pampa gaúcho.

Nesse cenário eram disputadas as competições regionais nas décadas de 1980 e 1990.¹⁴ Tendo em vista que esses campeonatos, além de longos, atravessavam todo o inverno gaúcho, os jogos eram praticados sob condições de gramados extremamente embarrados, exigindo uma adaptação da preparação para esse tipo de enfrentamento. Assim, os treinamentos de futebol no Rio Grande do Sul, hegemonicamente, caracterizaram-se por treinamentos voltados para os ganhos de força muscular, elemento extremamente importante para a prática do futebol sob essas condições.

¹⁴ O campeonato gaúcho de 1980 ocorreu entre os dias 26/6 e 23/11. O de 1985, ocorreu entre 4/8 e 8/12. O de 1990, ocorreu entre 4/2 e 29/7, e o de 1995 ocorreu entre 17/2 e 13/8. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Ga%C3%BAcho_de_Futebol.

Em qualquer clube gaúcho era importante, nessas décadas, a construção da academia para exercícios de força e, com isso, se assegurava parte dos treinamentos físicos. A metodologia e a proposta desse tipo de trabalho foram iniciadas por alguns preparadores mais antigos no Estado, principalmente na equipe do Grêmio, time que se caracterizava por esse conceito de futebol-força. Citemos Aduíno Zílio, nas décadas de 1960 e 1970; Ícaro Rodrigues na década de 70, ainda Ithon Fritzen e, mais adiante, Júlio Espinosa, Paulo Paixão e Darlan Schneider, apenas para citar em sequência cronológica essas escolas e seus preparadores. No Internacional, essa proposta de trabalho sistematiza-se fortemente com a chegada do preparador físico Gilberto Tim ao Beira-Rio, na década de 1970. Luiz Parise acompanhará essa tendência.

Ao que tudo indica, seu começo na nova carreira e o ano de 1981 não foram particularmente ruins para um “iniciante”. Ainda que estivesse no primeiro ano da faculdade de Educação Física, no comando da preparação física recebe um elogio considerável de um importante colunista de esportes daquela época. Ruy Carlos Ostermann, em sua coluna do Jornal Zero Hora com o título “Viver e correr”, escreve:

O Brasil correu maravilhosamente contra o Grêmio. Deu combate no campo todo, marcou zagueiros, homens de meio campo e atacantes. Só Leão ficou liberado e mesmo assim era marcada a sua reposição de bola. Um futebol ofegante, enérgico, corajoso e decidido, elogio interminável a Luisinho Paresi (sic) que faz correr seus jogadores na areia fofa do Laranjal. O Brasil está correndo assim desde o início do campeonato. Correu junto com o Caxias, e agora que o Caxias desandou, o time de Galego se mantém no seu ritmo. [...] e deve continuar correndo esta tarde no Bento Freitas (Ostermann, 1981, p. 45).

A areia fofa da praia do Laranjal representava os treinamentos de força que Luiz introduziu nos seus treinamentos, juntamente com as “maratonas” que sempre aconteciam no começo de semana, priorizadas no chamado Período Preparatório – que, diga-se de passagem, estiveram ausentes e reclamadas por Luiz Parise numa matéria sobre os fisicultores.¹⁵ Tudo isso era o mapeamento geral da preparação física no futebol, que correspondia à década de 1980 e que replicava no vestiário do Grêmio Esportivo Brasil numa

¹⁵ Matéria: “Elogiado os fisicultores brasileiros” (Sem fonte).

discussão infundável entre Luiz Parise e seu mestre Galego. Embora Parise se firmasse naquilo que dominava melhor, pois sua vida de atleta fora regada com esse modelo tradicional de treinamento, era um sujeito atento às mudanças de seu tempo. Guardava consigo matérias jornalísticas que apontavam para alguma novidade, para algo que pudesse ser considerado moderno na sua esfera de trabalho. Como, por exemplo, os recortes guardados tratando da preparação física da Seleção Brasileira no ano de 1982 – em plena Copa do Mundo da Espanha –, cujo título “Elogiados os fisicultores brasileiros” tratava de novos elementos incorporados na preparação dos futebolistas, como os alongamentos antes do treino com bola, copiados pelo preparador físico Moraci Santana de um outro preparador norte-americano chamado Bob Anderson, que Moraci teria conhecido em Nova Iorque. Também era destaque, na mesma matéria, a divisão dos treinos quanto à especificidade da função dos jogadores e os treinos anaeróbicos, representados pelos tiros 100, 200 e 300 metros. Segundo Moraci, dizia a matéria “a preparação da equipe brasileira é toda ela anaeróbica,”¹⁶

O jovem fisicultor Luiz Parise acompanhava de perto todo o movimento da preparação física e, talvez, já estivesse na iminência de trazer para seus treinos o moderno método anaeróbico de treinamento. Na faculdade de Pelotas conheceu um professor com o qual teve grande afinidade e que sempre esteve atento ao desenvolvimento de novas metodologias do treinamento desportivo. Chamava-se Florismar Oliveira Thomaz, treinador de atletismo e profundo conhecedor dessas teorias, do qual Luiz relatou, em algum momento, ter sofrido forte influência.

Fato é que o Brasil de Pelotas, no ano de 1981, acesa o octogonal final, mas acaba ficando em último lugar, atrás da dupla Granel e de seis equipes do interior. Um jornal de circulação no Rio Grande do Sul,¹⁷ faz uma reportagem sobre as seis equipes do interior, cujo título é “Os times do interior ainda têm fôlego?” Cinco fisicultores das equipes do interior diziam que seus times estavam preparados para aquele momento e que chegariam de igual forma no que diz respeito ao condicionamento físico dos atletas. Luiz Parise

¹⁶ Matéria: “Elogiados os fisicultores brasileiros” (Sem fonte).

¹⁷ O ano foi de 1981, porém não temos a fonte.

foi o único que não cogitou essa possibilidade, dizia não estar muito tranquilo, pois sua equipe teria sido muito prejudicada pela tabela da competição que impôs à equipe pelotense um desgaste muito grande. Parise afirmava estar “numa situação diferente dos seus colegas de preparação e diz que haverá um reflexo na condição física pelo grande desgaste sofrido nas duas primeiras etapas do campeonato.”¹⁸ Blefe ou não, fato é que o preparador Luiz Parise abriu mão dos otimismo contagiantes, que dominam situações como essa, e vociferou que seu time estava em condições físicas bem abaixo do necessário, chamando para si uma certa responsabilidade. O resultado final demonstrou que aquilo que ele tinha proferido estava correto.

O trabalho de Luiz Parise, desenvolvido junto ao Grêmio Esportivo Brasil, e posteriormente nos próximos clubes, será uma síntese muito bem elaborada da longa trajetória do futebol no Rio Grande do Sul (o que podemos chamar de tradição esportiva), das metodologias de treinamento utilizadas à época e da singularidade de um futebol praticado sob circunstâncias diversas e adversas. Entre elas, o clima próprio do Rio Grande do Sul, principalmente o inverno gaúcho, os gramados, muitos deles maltratados pelo rigor do frio e da chuva, e a tabela da competição de futebol do Estado. Todos esses elementos somados dão a tonalidade do futebol no Rio grande do Sul e da preparação física dos atletas nesse estado, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, tradição que Luiz Parise sempre seguiu, metódica e metodologicamente.

3.4. O Grêmio Foot-ball Portoalegrense

No início da década de 90, Luiz Parise ainda se mantém firme na sua função de preparador físico. A condição de gestor apareceria mais adiante, no Esporte Clube Juventude. Entretanto, em 11 de janeiro de 1991, Parise assina contrato com o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. Luiz Parise chega ao Grêmio por intermédio de Beto Almeida, com quem já trabalhara em 1989. Beto era o assessor do clube da capital gaúcha nesse momento. Juntamente com Parise, a comissão técnica se compunha por Claudio Duarte, como treinador,

¹⁸ Matéria: “Os times do interior ainda tem folego?” (Sem fonte).

e Luiz Alberto Monteiro, também trazido por Beto Almeida para assumir a coordenação da preparação física do clube.

O Grêmio, no ano de 1991, era um clube de desafios, um elenco, conforme descrevia Beto Almeida, com a qualidade dos bons jogadores e da boa comissão técnica. Mas os resultados não vieram. No início do ano, no retorno das férias, ao mesmo tempo que o clube anunciava as novidades, Claudio Duarte, Beto Almeida e Luiz Parise externavam problemas com jogadores importantes, como Paulo Egídio, que já avisara que não compareceria à apresentação. O clube ainda tinha problemas com outros jogadores importantes como Alfinete e Assis, ídolos do clube à época. Esse era o panorama que o trio iria enfrentar. Além dessas questões, situações estressantes também se acumularam durante o ano, como a punição de jogadores importantes, caso do jogador Caio, por exemplo, julgado à época por ofensa moral ao árbitro e por praticar vias de fato, e do próprio treinador Claudio Duarte por dar instruções fora dos limites permitidos de demarcação,¹⁹ punindo-o com alguns jogos.

Luiz Parise chega com bom currículo e com boa credibilidade junto à imprensa. Em Caxias do Sul, o jornal Pioneiro anuncia: “Luiz Parise é o fisicultor do Gremio,”²⁰ um comentarista destaca que “certamente, o Grêmio, com o *status* – e as condições financeiras que possui – não iria entregar uma área tão importante a um fisicultor que não tivesse as condições para realizar um bom trabalho. Na matéria intitulada “Parise garante o fôlego do Grêmio” (Meneghetti, 1991, s.p.), Luiz, como sempre metódico naquilo que faz, destaca que seu trabalho ainda está num processo e que precisaria de mais tempo para colocar os jogadores em ritmo de jogo.

A formação da dupla Alberto Monteiro e Luiz Parise – que se estenderia como uma grande amizade e uma nova possibilidade de parceria de trabalho mais adiante – na preparação do Grêmio, sem dúvida, reunia o que existia de melhor naquele momento. Por seu lado, Monteiro trazia aquilo que tinha vivenciado num trabalho de ponta como consultor na Seleção Brasileira e o

¹⁹ Jornal Zero Hora, 8/03/1991, p. 54.

²⁰ Jornal Pioneiro – 10/01/91, p. 14.

que também tinha estudado nos Estados Unidos. Por outro lado, Parise era o estudioso, o detalhista, o organizador minucioso do processo.

Parise, por sua vez, vai implementando sua forma de trabalho e métodos de treinamentos, que vinha aos poucos estudando e ajustando. Além dos treinamentos considerados “intervalados”, que Luiz já teria incorporado, os treinos de força a partir do método pliométrico – desenvolvidos pela “escola” do cientista da antiga União Soviética, Yuri Verkhoshanski, que permeia a preparação física no início da década de 90 no Brasil –, também são incorporados em seus treinamentos no Grêmio.

Para desenvolvê-los, o material utilizado são caixotes individuais, na maioria das vezes com alturas de 60 cm em que cuja base o atleta sobe para executar saltos que estimulariam o que se chama de “força reativa do aparelho neuro-muscular” (Verkhoshanski, 1996). Para Beto Almeida, “era uma certa ousadia aquilo, simplesmente não se usava plinto no futebol”. Mas Parise acha interessante fazer caixotes maiores, algo próximo de 4m de comprimento por 60 cm de largura e com alturas diferentes, para vários jogadores fazerem ao mesmo tempo. O problema foi que esses caixotes, nessas dimensões, tornavam difíceis seu deslocamento, devido ao peso e ao tamanho. A resolução seria deixá-los na pista atlética do antigo estádio Olímpico, porém, o problema agora se daria com o paisagista do estádio, queda de braço que Luiz perdeu.

Para além de tudo que envolveu uma mútua dedicação, um somatório de trabalhos e conhecimentos dos dois profissionais, o que, nas palavras de Beto Almeida, talvez tenha sido um trabalho de vanguarda e, de fato, tinha todos os elementos para ser, Parise, por sua vez, vai implementando sua forma de trabalho e métodos de treinamentos que vinha aos poucos estudando e ajustando. Porém, com resultados pífios em campo, – em primeiro de abril de 1991, o Grêmio perde de 1 x 0 para a S.E. Palmeiras, em Porto Alegre, e o treinador Claudio Duarte pede demissão –, Luiz Parise, levado por aquilo que sempre exaltou como fidelidade e, transitando pelo terreno daquilo que entendia como ética, pede também sua demissão. No cargo da comissão ficam apenas Beto Almeida e Luiz Alberto Monteiro. Beto assumiria como técnico interino até a chegada do treinador Dino Sani. O Grêmio fica, a partir de então, como um passado importante na carreira esportiva de Luiz Parise.

3.5 Um italiano gestor

Não existem dúvidas quanto à personalidade marcante e metódica de Luiz Parise, somada ao seu elevado conhecimento técnico para exercer com propriedade o cargo de preparador físico que o consagrou como uma das referências na área, no Rio Grande do Sul. Porém, o cargo de gestor esportivo lhe vestia como um terno feito sob medida. Temperamento forte, mandão e convicto de suas ideias, Parise “desfilava” como numa passarela nesse cargo, pois, sobravam-lhe atributos para agir dessa forma.

Parise era o que se chama de um sujeito proativo, pois atuava com certo grau de autonomia e com grande poder de persuasão. Defendia suas ideias ferrenhamente e seguidamente vencida o confronto. Tinha, verdade seja dita, uma boa oratória e uma capacidade de convencimento importante, o que tornava suas propostas tentadoras e acolhidas por todos frequentemente. Por vezes, democrático, por vezes, impositivo, dependendo do grau de importância do que estava sendo proposto, mas era sempre inteligente e atento ao movimento do cenário local.

Essa personalidade, porém, ficava longe de um sujeito que pudéssemos considerar autoritário. Ele gostava que suas ideias prevalecessem, exercia certa tensão para emplacá-las, mas sabia da necessidade de diálogo e da ação democrática que sua função exigia. “Convicto e duro nas horas necessárias, quando o trabalho necessita de um rumo”, como destaca Tite, “mas com um coração gigante.”²¹ Em reuniões dava muxoxos, sacudia a cabeça, fazia caras e bocas, mas, por vezes, com uma boa justificativa era voto vencido.

As experiências de Luiz Parise em cargos diretivos, ou de gestão, deram-se em diferentes instâncias. Aconteceram tanto no futebol quanto em outras áreas profissionais, porém, todas envolvidas com o esporte. A esse cargo diretivo de gestor no futebol dava-se o nome de gerente de futebol. Entretanto, essa nomenclatura, devido às mudanças estruturais ocorridas no futebol, é absorvida e considerada um pouco ultrapassada, e o nome mais utilizado passou a ser diretor executivo. Para entender melhor essa mudança

²¹ Entrevista com Tite.

de nomenclatura, é preciso entender e acompanhar as mudanças ocorridas no futebol, principalmente na transformação do modelo associativo para o futebol empresa.²² Luizinho, – talvez pelo *status* que carrega uma nomenclatura em detrimento da outra –, gostava de ser chamado de diretor executivo. Não temos dúvidas quanto ao seu conhecimento das diferenças conceituais e executivas de cada nomenclatura, já que por diversos momentos palestrou sobre essa sua função.

Um dos primeiros cargos que ocupou como gestor, fora do futebol profissional, foi no ano de 2004, num projeto chamado UCS/Olimpíadas, coordenado por seu amigo Luiz Alberto Monteiro. Nessa época, Luiz estaria desempregado do futebol, situação que se repetiu inúmeras vezes em sua vida profissional e Alberto Monteiro buscando alguém para ajudar no projeto.

A UCS (Universidade de Caxias do Sul) lançou, no ano de 1996, um projeto chamado UCS Olimpíada 2004, em alusão à candidatura da cidade do Rio de Janeiro para a Olimpíada daquele ano. No ano de 2004, o projeto recebe o nome de UCS Olimpíadas, mostrando que iria mais além. Aquele, procurava dar apoio aos atletas da região da Serra Gaúcha, assim como incentivar novos e também já confirmados talentos.

Luiz Parise assumiria a gestão da formação esportiva, mais especificamente a Escola de Futebol, que funcionava como preparatória de futuros atletas, ficando claro que não era uma atuação no alto rendimento, conforme ele sempre havia trabalhado nos clubes de futebol. Entretanto era uma empreitada, um desafio colocado que se transforma, nas mãos de Parise, numa das mais importantes áreas dentro do projeto. O projeto UCS era um campo de formação acadêmica que Luiz sabia profundamente organizar e coordenar. O futebol, por incrível que possa parecer, não existia, pois era uma modalidade que necessitava de muito recurso, diante de um orçamento, conforme Luiz Alberto Monteiro, condizente para o projeto, mas austero. Com a entrada de Parise no projeto, o futebol não só passou a existir, como se transformou numa das mais importantes categorias de formação esportiva dentro do Projeto UCS- Olimpíadas.

²² Cito aqui para consulta, o trabalho de Luciano de Campos Prado Motta (2020).

Posteriormente ao Projeto UCS, a ideia de gestão acompanhou Luiz Parise que, nesta função, atuou no Juventude de Caxias do Sul, no Sport Club Rio Grande, no Clube Náutico Marcílio Dias da cidade de Itajaí, no Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas e, por fim, no Grêmio Náutico Almirante Barroso, também da cidade de Itajaí. Mas o Brasil de Pelotas é a consumação de um ciclo importante do futebol na vida de Luiz Parise. Ali, naquele momento, naquele cenário de encerramento, de recolhimento, de retorno para casa, de expectativas não correspondidas é, no que diz respeito à sua vida dedicada plenamente ao futebol, a cerimônia do adeus.²³

Vivendo o processo de cicatrização de uma ferida ainda aberta, Parise levava sua vida na cidade de Balneário Camboriú. Ali tinham alugado uma casa, juntamente com Sandra sua esposa e seus filhos. Os convites para o futebol se restringiram, Luiz não estava mais no Rio Grande do Sul, local onde seu nome tinha uma determinada importância. A cidade do litoral catarinense era quase um retiro, um distanciamento do local em que viveu o futebol intensamente. Entretanto, no ano de 2010, Alexandre Lindenmeyer, é eleito Deputado Estadual com 93.768 votos pelo Partido dos Trabalhadores e, em 31 de janeiro de 2011, toma posse na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Uma das pautas estabelecidas como prioridade por Alexandre era o esporte, mais especificamente o futebol, como um elemento cultural e econômico de sustentabilidade para microrregiões; e é nesse cenário que o nome de Luiz Parise é retomado na agenda de Lindenmeyer, para assumir o cargo de Assessor de Esportes.

O então deputado estadual via em Luiz as condições necessárias para assumir o cargo, pois sabia que ele reunia os requisitos para assumi-lo com total responsabilidade. Alexandre já percebera o comprometimento de Luiz, quando estiveram trabalhando juntos no Sport Club Rio Grande – e era justamente a característica de Parise como alguém proativo que Alexandre precisava a seu lado. A pauta do esporte, tão defendida por Alexandre, seria tocada por Parise.

²³ Aqui pego de empréstimo o título do livro de Simone de Beauvoir (2015).

O projeto do futebol seria construído juntamente com a Secretaria Estadual do Esporte e Lazer, o Banrisul e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul – cuja gestão estava sob o comando do Governador Tarso Genro do Partido dos Trabalhadores – e com os clubes do interior do Estado. Já teria um nome, que seria: Jogo Aberto. Nele estava exposto o futebol como um resgate da história, cultura e identidade locais, através de clubes centenários que estavam desaparecendo no interior do Rio Grande do Sul, – principalmente pelo descaso da federação com os clubes do interior do Estado –, assim como também a valorização dos espaços urbanos como as praças e os clubes amadores. Tratava da participação do Estado como um agente importante de fomento ao esporte, distanciando-se de uma proposta neoliberal de um estado mínimo no que diz respeito às políticas públicas, assim como, também, fazendo uma repartição igualitária dos recursos disponíveis. Era a contramão das políticas de pautas conservadoras e minimalistas do Estado, possível de ser implementada por conta de o governo do Estado estar sob o governo do Partido dos Trabalhadores naquele momento.

O Deputado Alexandre se candidata a prefeito da cidade de Rio Grande e, em outubro de 2012, se elege. Teria então de renunciar a seu mandato de deputado, deixando para trás vários projetos, entre eles, o carro chefe do esporte, o Jogo Aberto. Desfeito esse cenário, outro se abre na vida de Luiz Parise. Finalmente, algo realmente novo e singular, comparado com a sua trajetória dentro dos campos de futebol. Luiz Parise chegaria através de um cargo altamente disputado. Chegava na cidade de Rio Grande como Secretário de Esportes e Turismo no governo do Partido dos Trabalhadores.

Os desafios políticos colocados à sua Secretaria não foram poucos. Entre eles estavam o carnaval da cidade, um Complexo Esportivo de uma praça de esportes da cidade, o futebol amador e, ainda, Luiz Parise era um *outsider*. A comunidade rio-grandina torceu o nariz para o fato de um secretário de esportes ser um caxiense emprestado. Mesmo com um relatório de 100 dias da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer, permeado de inúmeras atividades desenvolvidas e outras tantas por desenvolver – e mesmo com um

projeto já pronto sobre a mesa, de reestruturação daquele Complexo Esportivo –, o nome de Luiz na pasta, não era mais unanimidade.

O primeiro ano do governo de Alexandre Lindenmeyer termina e, pouco antes, chega ao fim também a gestão de Luiz Parise como Secretário de Esportes. A situação de Alexandre na Câmara Municipal vai se encaminhando para um terreno de ajustes, e a composição com outros partidos para a base do governo se torna necessária, como já destacado. Uma das Secretarias que entra para a negociação é a do Turismo, Esporte e Lazer. No remanejo, ela sai do PT e vai para as mãos do PC do B. A saída de Parise está decretada. Sem mais o que fazer na cidade de Rio Grande, Luiz se encaminha para Balneário Piçarras. Novos ventos, novos rumos.

4. A volta pra casa

4.1. Os refletores apagando. O jogo terminando, o retorno para Ítaca

A viagem de Ulisses em seu retorno para casa, que Homero expõe em 24 cantos e 12 mil versos na monumental obra *Odisseia*, possibilita inúmeras traduções do que pode significar a concepção de sujeito, principalmente a sua autoafirmação na sociedade moderna. Mas não apenas isso, pois também é possível a obra ser interpretada sob o signo da renúncia de Ulisses, entre tantas outras leituras pertinentes numa obra de tamanha dimensão.

Parise não era Ulisses, mas era o guerreiro que em algum momento precisou retornar e resgatar sua Ítaca. Seu retorno para casa ocorreu imediatamente após seu desligamento da Secretaria de Esportes da cidade de Rio Grande. Corria o ano de 2014. Não era o desfecho que Luiz Parise imaginava, tendo em vista que tudo ocorre já no primeiro ano de seu mandato, e sua perspectiva era de fazer um grandioso trabalho junto à Prefeitura de Rio Grande, principalmente em se tratando do esporte local. A Secretaria de Esportes tinha sido um movimento realizado com uma certa antecedência, quando ainda era o Assessor da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Chegar ao cargo de Secretário foi uma construção minuciosa durante esse período. A praia de Balneário Piçarras era a sua Ítaca.

A rotina em Balneário Piçarras andava como a rotina de um pequeno balneário no litoral catarinense. Parise tinha seus afazeres, mas excetuando

o verão, quando o movimento é considerável, no restante do período do ano, a rotina de vida era calma. Luiz, acostumado com a movimentação, a turbulência e as emoções vivenciadas numa rotina de um clube de futebol, mesmo passados alguns anos distante desse ambiente, ainda sentia o calor dessa rotina. Para falar a verdade, fazia falta ao seu temperamento inquieto.

Luiz Parise abriu um restaurante neste balneário. O restaurante tinha sua movimentação, compromissos próprios, exigia uma certa responsabilidade, mas não tinha emoção. Nem de perto se comparava com uma semana de decisão experimentada no Juventude, ou no Grêmio, no Brasil de Pelotas ou em qualquer outro clube, cujo ambiente se aproxima de uma “panela de pressão” prestes a explodir. Esse ambiente mobilizava e contaminava Parise, ele era produto disso e viveu isso como ninguém. Foram longas décadas experimentando esse tipo de emoção, esse fascínio de precisar se movimentar com extremo cuidado, de colocar as palavras certas no lugar certo, de ter uma semana minimamente controlada, para que qualquer descuido não colocasse tudo a perder. São os jogadores, a imprensa, os torcedores, os treinamentos, todas as variáveis sob controle. As variáveis, o seu controle, fazem parte de uma certa excitação, de uma certa mobilização psicológica, um certo vício que traz consigo a sensação do prazer. Era disso que Luiz sentia falta e, por mais intensa que fosse a vida de um proprietário de restaurante, ela não tinha as emoções de um vestiário de futebol. O restaurante não cheirava a éter, o restaurante não tinha o barulho estridente das chuteiras batendo ao chão como gladiadores batendo espadas em estado de transe prestes a entrar na arena.

O Restaurante, a Associação de Bairros, novas rotinas na vida de Luiz, que não substituíram sua grande paixão – o futebol. Mesmo diante de todas essas atividades que vão permeando a sua vida, dando-lhe um outro sentido, Parise parece querer confessar algo. Parece que os campos de futebol andavam invadindo seus sonhos à noite, e, secretamente, pedindo seu retorno, seu eterno retorno. Dava a entender que o desejo era muito mais dos campos que sofriam e confessavam-lhe a ausência do que, propriamente, um desejo categórico seu. Como se o futebol viesse todas as noites fazer um pedido, um último pedido: “retorne, Luiz!” A Ítaca estava com seu guerreiro de volta, mas

as batalhas, as lutas, os adversários, o cheiro do terreno de lutas, tudo isso ainda era muito mais atrativo que a segurança de estar em casa.

Em 2020, o Brasil e o mundo, a partir de determinações da Organização Mundial da Saúde (OMS), sofre medidas de restrição, os Estados brasileiros decretam emergência e suspendem atividades coletivas. O negacionismo, o atraso na compra de vacinas, o incentivo a tratamentos sem eficácia científica, falhas na coordenação nacional de medidas sanitárias, e ainda, um general do exército como ministro da saúde, decretaram a morte de mais de 700 mil pessoas no território brasileiro, tornando-se um dos países com maior número de mortes no mundo.

Em 2021 Luiz Parise falece na cidade de Itajaí/SC vítima de Covid-19. Os jogos de quinta-feira do Campeonato Gaúcho tiveram seu minuto de silêncio. Como toda Fênix que renasce de suas cinzas, em Caxias do Sul, em 2022, foi realizado o primeiro campeonato “Sub-15 e Sub-17 Luiz Parise”, um campeonato com o objetivo de revelar valores esportivos na comunidade da serra gaúcha, aquilo a que Parise, durante vários anos, dedicou-se profundamente. Como escreveu Sartre, (2018, p. 20) “no entanto, ele amou, quis viver, viu-se morrer; é quanto basta para fazer todo um homem”.

Final de jogo – Considerações

A biografia de Luiz Parise nos permitiu compreender a expressão de sua atuação em diversos momentos, exercendo diversas atribuições profissionais nos esportes de forma geral, e no futebol de forma específica, principalmente no interior do Rio Grande do Sul. Insurgiu-se quase sempre, em cada momento, como um exemplar nada comum, como um sujeito de personalidade firme, polêmico e, sobretudo, destacando-se quase sempre como um pioneiro em seu tempo, com inovadoras proposições, algumas oportunas e bem aceitas, outras tantas repelidas pelos momentos culturais e formas de serem propostas e/ou implementadas. Existiu deixando rastros (Gagnebin, 2018), posteriormente seguidos por aqueles que o acompanharam ou foram por ele formados. Lembrando, entretanto, que a renúncia é marcada, por vezes, em cada rastro deixado, como sendo parte de uma vida em si renunciada; e o futebol, em si, já carrega consigo esta renúncia. O rastro é a

renúncia, aquilo que, de alguma maneira, foi deixado para trás ou negado. “Qualquer rastro já é algo deixado para trás, já é algo renunciado” (Gagnebin, 2018, p. 115).

Luiz Parise ultrapassa inúmeros obstáculos estabelecidos por seu campo de possibilidades, utilizando-se de toda uma gama de “ferramentas” construídas por dentro desse mesmo cenário delimitante. O mundo do trabalho se apresenta desde muito cedo, sufoca o mundo infantil e o acompanha como tarefa árdua a ser superada.

Essas características forjaram sua postura profissional no futebol, o que lhe fez ser um profissional singular ao tornar-se, por onde andava, um porta voz de muitas reivindicações e inovações, sobretudo nos cargos que exerceu no futebol do interior. Foi um rebelde do futebol como atleta, preparador físico, gestor e formulador de políticas públicas, marca que também acompanhou a formação que deixa como legado às novas gerações de profissionais, atletas, dirigentes e demais trabalhadores dos esportes. Mas, acima de tudo, Parise demarcou uma época no futebol do Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, sofreu todo o clima socioantropológico da mesma, o que nos permite corroborar com Sartre (2015), ao afirmar que o Homem é um universal singular, totalizado por sua época e pela história que o atravessa.

O tempo apenas temperou Parise como homem concreto em situação, que, para o existencialismo, é o verdadeiro campo da história. O futebol ocupou sua existência. A ele dedicou uma vida, e pagou com a “renúncia” da mesma. Essa renúncia deixou um legado que este trabalho buscou recuperar.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada & FRANZONI, Sabrina. Macho, Corajoso e Bravo: a construção dos sentidos sobre o futebol campeão da América, pelo jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. Revista Latino-americana de Jornalismo. Ano 4, v. 4, n.1, jan - jun, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/35850>>. Acesso em: 21/01/2022.

BEAUVOIR. Simone de. *A Cerimônia do Adeus*. Ed. Especial. Tradução Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 493 p.

CANNON, Betty. Psicanalise e psicanalise existencial. *In* Jean-Paul Sartre: conceitos fundamentais. Ed. Vozes, 2020 p. (110 – 130).

CUNHA, Tito Cardoso e. *Universal singular: filosofia e biografia na obra de Jean-Paul Sartre*. Covilhã: Labcom-Ifp, 2019. 118 p.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu Sou Gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 23, p. 87-118, 1999. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2085>. Acesso: 30 jan. 2022.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015. 438 p.

FERRAROTTI, Franco. *Sobre a ciência da incerteza*. Tradução Narrativa Traçada. Angola; Portugal: Mulemba & Pedago, 2013. 98 p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

MENEGHETTI, Leonardo. Parise garante o folego do Grêmio. *Jornal Zero Hora*, 17 fev. 1991.

MOTTA, Luciano. O mito do clube-empresa. Ed. Sporto, 2020.

OSTERMANN, Ruy Carlos. Viver e correr. *Jornal Zero Hora*, p. 45, domingo, 25 out. 1981.

SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. 3. ed. Tradução J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 149 p.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2015. 881 p.

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. 3. ed. Tradução Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972. 149 p.

VERKHOSHANSKI, Yuri V. *Força: treinamento da potência muscular*. Tradução Antonio Carlos Gomes e Ney Pereira de Araujo Filho. Londrina: Editora Cid, 1996.